

Cicely Saunders por **Maria Helena Pereira Franco**

DAME CICELY SAUNDERS

22 de junho de 1918 – 14 de julho de 2005

VIDA E OBRA: Nascida em 22 de junho de 1918 em Barnet, Hertfordshire, Inglaterra, Dame Cicely teve sua formação profissional como enfermeira, assistente social na área médica e, por fim, como médica. Envolvida com o cuidado de pacientes com doenças terminais desde 1948, deu muitas aulas e palestras sobre o assunto, escreveu muitos artigos e contribuiu com vários autores de livros.

Dame Cicely fundou o St Christopher's Hospice em 1967 e este foi o primeiro hospice a reunir os especialistas em controle da dor e controle de sintomas com aqueles das áreas de cuidado humanitário, ensino e pesquisa clínica. O St Christopher's Hospice foi também pioneiro no campo dos Cuidados Paliativos, que agora são reconhecidos mundialmente. Por meio de sua visão focada e, ao mesmo tempo, ampla e também pela experiência prática e disseminação de seu trabalho pelos cursos do St. Christopher's Hospice, ela revolucionou a maneira pela qual a sociedade cuida dos doentes, dos que estão à morte e dos enlutados.

Dame Cicely é reconhecida como a fundadora do moderno movimento hospice e recebeu muitas honrarias pelo mérito de seu trabalho. Em sua vida, recebeu um total de 25 homenagens e honrarias, tanto na Inglaterra como em outros lugares do mundo. Entre elas, destacam-se a medalha de ouro da Associação Médica Britânica pelos serviços na área da Medicina, o Prêmio Templeton por avanços na religião, o Prêmio Onassis por serviços para a Humanidade, o Prêmio Humanitário Raoul Wallenberg .

Dame Cicely recebeu o título de Dama do Império britânico em 1980 e recebeu a comenda da Ordem do Mérito em 1989.

Dame Cicely Saunders admitiu a inadequação dos cuidados oferecidos nos hospitais às pessoas próximas da morte. Com frequência, familiares e pacientes ouviam a afirmação de que nada mais havia a fazer, afirmação que ela se recusava a aceitar. Durante todo o tempo em que teve atuação plena no St. Christopher's Hospice, sua frase padrão foi: 'temos muito mais a fazer ainda'.

Pesquisas pioneiras sobre o uso de morfina para controle da dor foram realizadas no St. Christopher's, juntamente com outras pesquisas cuidadosas sobre novas abordagens no controle dos sintomas. Dessa forma, para Dame

Cicely Saunders, o paciente próximo da morte era muito mais do que alguém com sintomas para serem controlados. Ela estava convencida da enorme importância que deveria ser dada à combinação de cuidados médicos e de enfermagem de excelência com o apoio holístico, que reconhecesse as necessidades, tanto práticas como emocionais, sociais e espirituais. Para ela, a família e o paciente constituíam uma unidade de cuidados e convidou Dr. Colin M. Parkes, psiquiatra britânico famoso por seu trabalho com pessoas enlutadas, para desenvolver no St. Christopher's o serviço de atendimento de pessoas enlutadas, durante a doença e depois da morte.

Em 1969, Dame Cicely foi mais uma vez pioneira, levando equipes para atendimento domiciliar e desenvolvendo toda uma filosofia que permitiu essa prática na comunidade.

Em 2001, o St Christopher's Hospice recebeu o Prêmio Humanitário Conrad N Hilton no valor de 1 milhão de dólares, o maior prêmio humanitário do mundo, em reconhecimento ao trabalho de Dame Cicely.

Sua lista de publicações, a partir de 1959 pode ser solicitada por e-mail ao Professor David Clark, University of Lancaster: (d.clark@lancaster.ac.uk).

ST. CHRISTOPHER'S HOSPICE

Não é possível falar de Cicely Saunders sem falar de sua obra magistral, que é o St. Christopher's Hospice, onde tive a oportunidade de fazer cursos e acompanhar atendimentos clínicos, tanto no programa de internação como no atendimento domiciliar.

O St Christopher's Hospice foi construído para esse propósito e inaugurado em 1967, por Cicely saunders. Ele foi resultado do sonho que ela tinha de poder oferecer cuidados de qualidade à pessoa próxima da morte. Tornou-se o fundamento de uma nova filosofia que passou a influenciar os cuidados com a saúde no mundo todo e abriu o caminho para uma nova atitude em relação à morte, ao morrer e ao luto. É conhecido como o berço do movimento hospice moderno e seu foco na integração de cuidado, educação e pesquisa levou a uma mudança profunda nas atitudes médicas e de enfermagem no mundo todo.

O St Christopher's Hospice oferece atendimento a mais de 2.000 pacientes por ano no reino Unido e apoia o movimento hospice em países em desenvolvimento e também por meio de parcerias internacionais. Compartilha experiências e conhecimentos por meio de um vasto programa de treinamento, educação e pesquisa, que trouxe melhorias no cuidado da pessoa à morte, para muito além de sua área geográfica.

O St Christopher's Hospice é uma das maiores instituições educadoras em Cuidados Paliativos no mundo. Mais de 50.000 pessoas já foram treinadas para que pudessem se tornar líderes em seu campo, seja na Medicina, na Enfermagem, na Psicologia ou no Serviço Social. Ajudou também a instituir programas de Cuidados Paliativos em mais de 120 países.

Site: <http://www.stchristophers.org.uk>

Tive a honra e o privilégio de conhecê-la em uma das vezes que visitei o St. Christopher's. Há uma atividade que se propõe a apresentar o hospice aos visitantes de 1ª. Viagem e quem fazia isto era Dame Cicely Saunders. Quando foi minha vez, só havia eu no grupo e tive a possibilidade de ter um contato muito próximo com ela, que naquela altura já se ocupava dos cuidados paliativos ao marido, no hospice. Com toda a boa vontade, ela me explicou o funcionamento do hospice, dividiu comigo seus projetos e me fez sentir como se eu fosse uma parceira no trabalho por cuidados de qualidade ao paciente que morre e à sua família. Andamos pelo hospice e ela o mostrava com o orgulho de quem mostra a cria.

Eu a vi pela última vez em junho de 2001, em Maastricht, Holanda, por ocasião da reunião da IWG – International Working Group on Death, Dying and Bereavement. Ela já estava doente, restrita a uma cadeira de rodas mas nem por isso havia perdido sua força vital. Era uma presença notável e não havia dúvida quanto ao profundo respeito e admiração que todos nutriam por ela.

Quando ela morreu, em julho último, eu estava em Londres, participando do 7º. Congresso Mundial sobre Luto na Sociedade Contemporânea. Sabíamos que ela estava muito próxima da morte, mas sabíamos também que ela havia determinado, com toda a clareza, como queria que fossem seus últimos tempos, de maneira que não só seu pedido foi honrado, como também sua existência foi respeitada, na maneira como morreu: em paz, sem dor, no lugar que mais amou e que teve mais significado para sua vida.

Maria Helena Pereira Franco